



A Subida de Clítico no Português Brasileiro: O caso das passivas¹

Raiana Cristina Dias da Cruz²; Cristiane Namiuti³

Resumo: A subida de clítico é um fenômeno atestado em predicados complexos e caracteriza-se pela adjacência do pronome clítico ao verbo auxiliar ou semiauxiliar. Trata-se de um fenômeno presente, em geral, nas línguas românicas. Tal fenômeno é obrigatório no Português Europeu, com verbos auxiliares, e, no Português Brasileiro, é exclusivo das orações passivas. O presente artigo discute, a partir da teoria gerativista, a possibilidade de subida de clítico em construções passivas no Português Brasileiro (PB). Concluiu-se que a variação subida/não-subida é gerada por uma competição de gramáticas, o que indica que o particípio da passiva teria diferentes estruturas em cada gramática.

Palavras-chave: Subida de Clítico, Teoria Gerativa, Português Brasileiro.

The Clitic Climbing in Brazilian Portuguese: The case of the passive sentences

Abstract: The clitic climbing is a phenomenon that is found in complex predicates and is characterized by the connection to the auxiliary verb or semi-auxiliary. It is a phenomenon present, in general, in the romance languages. This phenomenon is required in European Portuguese with auxiliary verbs and in Brazilian Portuguese is exclusive of the passive sentences. The present article discusses, from the generative theory, the possibility of clitic climbing in passive constructions in Brazilian Portuguese (BP). It was concluded that the variation of climbing and no-climbing is generated by a competition of grammars, which indicates that "the passive participle would have different structures in each grammar".

Keywords: Clitic Climbing, Generative Theory, Brazilian Portuguese.

Introdução

O presente artigo discorre, a partir da teoria gerativista, sobre a possibilidade de subida de clítico em construções passivas no Português Brasileiro (PB). Por “subida de clítico” se entende os casos em que, numa sentença com dois ou mais verbos, ocorre um clítico ligado ao

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. As reflexões aqui apresentadas são oriundas de pesquisa realizada no âmbito dos projetos temáticos - Fapesp 2012/06078-9, Fapesb APP0007/2016, Fapesb APP0014/2016, CNPq 471753/2014-9, CNPq 436209/2018-7- e contemplam um recorte da qualificação da pesquisa de mestrado de Raiana Cristina Dias da Cruz (PPGLIN/UESB), 2018, orientada por Cristiane Namiuti;

² Mestranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Bolsista Capes. raianacristinadias@yahoo.com.br;

³ Doutora em Linguística, professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

verbo que não lhe fez atribuição de papel temático. De acordo com REIS (2011), a subida de clítico em PB ocorre, atualmente, apenas no contexto das construções passivas.

Ao longo da história do português, o estudo da sintaxe em torno da colocação dos clíticos, traz uma perspectiva das configurações sintáticas que a língua pode assumir no decurso do tempo. Além disso, conforme afirmam Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2005): “no caso da língua portuguesa, a ordem relativa entre os verbos e os pronomes átonos (ou clíticos) tem sido um *locus* privilegiado de investigações gramaticais” (2005, p.52).

Entre outros aspectos, por exemplo, as autoras apontam para o fato de que, para os estudos gerativistas, a possibilidade de clítico aparecer não contíguo ao verbo, manifesta a independência que essa partícula tem em relação ao núcleo funcional do verbo. Tal constatação, por sua vez, se torna importante para a interpretação da estrutura abstrata da sentença.

A subida de clítico

O fenômeno entendido como subida de clítico (*clitic climbing*) caracteriza-se nos casos em que, numa sentença com dois ou mais verbos, ocorre um pronome clítico ligado ao verbo que não lhe fez atribuição de papel temático. O verbo que pode atribuir papel temático é o chamado “verbo principal”. Diz-se que houve subida de clítico quando o clítico se liga ao verbo auxiliar (seja como próclise ou como ênclise). Trata-se de um fenômeno presente, em geral, nas línguas românicas. De acordo com REIS (2011), a subida de clítico em Português Brasileiro (PB) ocorre, atualmente, em apenas um contexto: o das construções passivas. A autora fez um estudo da perda da subida de clítico no PB do século XIX até a primeira metade do século XX. Uma evidência apresentada pela autora é a sentença abaixo:

(1) A carta me foi enviada pelo João.

(cf. REIS, 2011)

Citando os estudos de GONÇALVES (1996), REIS (2011) aponta que, no Português Europeu (PE), é obrigatória a subida de clítico com verbos auxiliares, mas, no PB, devido a uma perda do movimento do XP, por conta da reanálise de um T não-finito transparente, houve a subsequente perda do alçamento do pronome clítico. Entretanto, REIS (2011) também questiona os casos em que o clítico não sobe na passiva e apresenta uma observação: se a

reanálise do T não-finito explica a perda da subida e, ainda, por que o clítico sobe na passiva, a mesma proposta do T não-finito reanalisado não dá conta de responder por que é possível, também, ocorrer a não-subida de clítico na passiva. Para ela, a explicação para tal fenômeno demandaria uma análise mais profunda da estrutura dos participios e das próprias construções passivas.

Com relação ao português brasileiro (PB), assim como nas demais línguas românicas, no PB, o clítico pode aparecer antes ou depois do verbo.

Entretanto, a posição privilegiada é a próclise. Soares e Ribeiro (2011) observam que, em relação à situação atual da colocação pronominal no PB, há uma variação de um mesmo contexto estrutural:

(...) a próclise e a ênclise são variantes de um mesmo contexto estrutural (leia-se sintático). (...) A forma enclítica (minoritária) aparece em contextos de formalidade e de exigência de correção gramatical, o que nos leva a uma segunda observação: em português brasileiro, a utilização de ênclise é relacionada à pressão da norma culta e está em larga medida desaparecendo em todas as variedades faladas no país. (SOARES; RIBEIRO, 2011, p. 09)

Galves e Lobo (2009) discutem que a ordem dos clíticos é um dos fenômenos de variação e mudança mais salientes na história do português:

A alternância próclise / ênclise é bastante complexa, porque dependente, nas línguas de um modo geral, dentre outros, dos seguintes contextos sintáticos: orações finitas vs. orações não-finitas; matrizes vs. subordinadas; primeira posição vs. segunda posição do verbo na frase; natureza referencial dos sintagmas que precedem o verbo. (GALVES; LOBO, 2009, p.174)

No mesmo contexto, as autoras consideram que um dos aspectos gramaticais que, atualmente, mais diferenciam o PB do PE é, justamente, a colocação pronominal.

No PB, há uma separação entre as sentenças que possuem um único verbo e aquelas que possuem dois ou mais verbos adjacentes. Nas sentenças com um só verbo finito, o clítico aparece sempre em próclise.

(2) a. Ela me visitou domingo

b *Ela visitou-me domingo

Se, na sentença, aparecesse um elemento “atrator”, no PE teríamos, agora, a próclise. No PB, a ordem (cl-v) não alteraria.

- (3) a. Ela não me visitou domingo
b *Ela não visitou-me domingo

Nas sentenças subordinadas, o posicionamento do clítico no PB e no PE é idêntico: próclise.

- (4) a. Gostaria que me visitasse domingo
b *Gostaria que visitasse-me domingo

Um aspecto que também compõe a regra de colocação pronominal, motivada por questões sintáticas, é apresentado por Silveira (1997), e envolve as construções passivas. A autora afirma que nenhum clítico pode ocorrer antes do verbo passivo, como no exemplo abaixo:

- (5) a. *Estes livros foram me doados para eu repassar para a escola
b. *Estes livros estão sendo me doados para eu repassar para a escola

Isso indica, segundo Silveira (1997) que, em sentenças passivas, o sintagma de concordância AgrP¹ não é projetado. Desse modo, “*o clítico acusativo jamais poderá ocorrer nesse tipo de construção*”. E, continua a autora, “*quanto aos outros clíticos, eles podem até ocorrer numa construção passiva, porém somente em uma posição mais alta*”:

- (6) a. Estes livros me foram doados...
b. Estes livros me estão sendo doados...

¹ AgrP é o sintagma de concordância (do inglês, *Agreement Phrase*). Na teoria X-Barra, é um dos componentes da flexão verbal (IP, do inglês *Inflectional Phrase*). De acordo com Mioto (2007), em muitas línguas, a flexão verbal é composta de flexão de modo e tempo (TP, do inglês *Tense Phrase*) e flexão de número e pessoa (AgrP). Assim, I compreende dois núcleos T e Agr, cada um encabeçando sua projeção máxima, respectivamente, TP e AgrP.

E conclui, apontando que, se AgrP não é projetado, o clítico não pode ocorrer antes do verbo passivo e, portanto, deve se cliticizar ao verbo finito. Entende-se, portanto, que, sendo o verbo finito realizado numa posição mais alta, o clítico necessita, portanto, traçar um movimento de subida.

O caso das passivas

Reis (2011) fez um estudo da perda da subida de clítico no PB com base em documentos que abrangem o período que vai do século XIX até a primeira metade do século XX e constatou que a subida de clítico no PB ocorre, atualmente, em apenas um contexto: o das construções passivas.

Para ela, a explicação para tal fenômeno demandaria uma análise mais profunda da estrutura dos participios e das próprias construções passivas. Seguindo o posicionamento de Reis, seria a estrutura sintática das passivas a que favorece a subida de clítico, diferentemente das estruturas de construções com verbos auxiliares fora do contexto de passiva, que se configuram em não-subida no PB. Uma evidência para essa hipótese que ela apresenta, encontramos na mesma autora. Reis considera que a variação subida/não-subida de clítico é gerada por uma competição de gramáticas, o que indica que “o participio da passiva teria diferentes estruturas em cada gramática”. Portanto, a autora apresenta uma evidência para a não-subida, retirada de um site da internet:

(7) “mas acontece que ja foi ate me enviado o codigo de compra”
(<http://todaoferta.uol.com.br/comprar/celular-mp15-mini-iphone-tv-java-touch-2gb-fm2-chips-flash-HHBUV1WH7D#rmcl>)

(REIS 2011, p. 11)

Na sentença acima, vê-se o clítico ligado ao verbo no participio. Nesse caso, o clítico se ligou ao verbo que lhe atribuiu o papel temático, portanto, ocorre a não-subida, sendo a construção passiva. Considerando a possibilidade da subida de clítico nas passivas como em (1), a autora, então, conjectura que, talvez, o participio da gramática que produz a subida de clítico de (1), seja diferente do participio da gramática que produz a construção passiva (2).

De qualquer forma, se poderia partir do pressuposto que a acreditada exclusividade da sentença passiva pode estar relacionada com a presença do particípio, que seria um particípio próprio da passiva, uma vez que o particípio, na condição de forma infinita do verbo, que pode reunir traços tanto verbais quanto nominais (as suas características adjetivais), não apenas marca a passiva, mas também compõe a construção do tempo composto.

Pereira (2012), por sua vez, questiona a hipótese de Reis (2011), de que o PB atual perdeu a subida de clítico, a não ser em construções passivas, apresentando evidências de subida de clítico de 1ª e 2ª pessoas, e afirmando que a restrição à perda se dá apenas com o clítico de 3ª pessoa.

Assim:

- a) Maria me mandou comer o bolo.
- b) João te deixou jogar bola?
- c) *Maria mandou comprar-lhe um livro.

(PEREIRA, 2012)

Portanto, a hipótese da exclusividade das passivas proposta por Reis (2011) não é sustentada por Pereira (2012), uma vez que segundo a autora há casos de subida de clítico em construções que não são passivas, como ilustram os exemplos a) e b).

De acordo com Reis (2011), pelo menos três aspectos podem ser verificados no tocante à ocorrência de subida de clítico: a questão da auxiliaridade verbal, a dos tempos compostos e a dos predicados complexos. Em relação aos tempos compostos, por exemplo, a autora discute que se trata de uma construção com diferentes projeções no PB e no PE, uma vez que nesse, a subida pode ser obrigatória, enquanto que naquele, não.

Quanto às passivas, com base em Galves (2011) e Mendes (1993), a autora diz que a diferença em relação a outros tipos de construções está na posição do clítico: no caso das passivas, Galves (2001) considera, seguindo Mendes (1993), que a posição do clítico nestas construções é diferente em relação a outras construções. Considerando que o clítico só vai estar na posição de especificador da projeção que contém o verbo se tal posição estiver disponível, a autora explica que, no caso das passivas, esta posição não estaria disponível porque nela está o vestígio do objeto (Cf. Reis, 2011, p. 69).

Assim, o posicionamento de Reis (2011) parte do pressuposto de que a acreditada exclusividade da sentença passiva pode estar relacionada com a presença do particípio, que seria um particípio próprio da passiva, uma vez que o particípio, na condição de forma infinita

do verbo, que pode reunir traços tanto verbais quanto nominais (as suas características adjetivais) [N+, V+], não apenas marca a passiva, mas também compõe a construção do tempo composto. Considerando, deste modo, que a sentença passiva tem dois verbos, entende-se que ocorre “subida de clítico” quando há cliticização ao verbo auxiliar, que não tem relação temática direta com o clítico, portanto, que não lhe atribui papel temático. Assim:

- (8) A carta me foi enviada pelo João.
- (9) O assunto me foi explicado pelo professor.
- (10) A obrigação me foi confiada.
- (11) A vida me foi dada por Deus.
- (12) A nota já me foi atribuída.
- (13) Só hoje me foi permitido ler o seu trabalho.

Reis (2011) ainda discute que, no PE, o alçamento do clítico é obrigatório em construções auxiliares. Se houve, no passado, no PB, esse alçamento do clítico, hoje, resta muito pouco dele. Isso pode ser constatado, antes de tudo, pelo estranhamento que nos causa construções como a seguinte, perfeitamente aceitas, e até privilegiadas, no PE:

- (14) a. Os anos foram-se passando. (PE)
- b. * Os anos foram-se passando. (PB)
- c. Os anos foram se passando. (PB)

No PE, a regra diz que, no caso de uma construção auxiliar, o pronome reflexivo se liga, de preferência, ao verbo auxiliar e não ao principal, no caso do gerúndio. Mas, em se tratando do particípio, é mesmo obrigatório que o pronome se ligue ao auxiliar.

- (15) a. Ele tinha-me dado. (PE)
- b. * Ele tinha-me dado. (PB)
- c. Ele tinha me dado. (PB)

Segundo Reis (2011), nas sentenças como (1): “A carta me foi enviada pelo João”, a estrutura sintática das passivas no PB é que propicia a subida de clítico, diferentemente das situações de construções com verbos auxiliares fora do contexto de passiva, que impediriam a

subida em PB. No entanto, também podemos nos deparar com sentenças como “*A carta me foi lida pelo João” e “*O bolo me foi comprado pelo João” (consideradas agramaticais) e discutir que a ocorrência de subida de clítico pode se dar, também por uma questão fonológica/prosódica, uma vez que os verbos ler e comprar, como pode ocorrer com outros, não favorecem a prosódia, embora a estrutura sintática “exija” a subida por conta da passiva. Essa discussão tem como base o trabalho sobre a subida de clítico no Português Europeu, de Andrade (2010) que afirma que “se o clítico não é alçado, são requisitos prosódicos que determinam a colocação” (p.4).

O autor diferencia posição do clítico de colocação do clítico. Para ele, a categoria à qual o clítico se vincula corresponde à sua posição, sendo determinada pela sintaxe, e o ordenamento em relação a essa categoria corresponde à colocação, determinada pela morfologia. Para apontar as diferenças nas variedades brasileira e europeia, Reis (2011) traz como evidência do PE uma construção com verbo auxiliar + infinitivo, para a qual a subida de clítico é opcional, com a ressalva de que, mesmo com essa opcionalidade, há também exceções. Além disso, ela também cita a obrigatoriedade da subida com o particípio. Assim, nos exemplos a seguir, do PE:

- (18) a. O João pode visitar-me hoje.
- b. O João pode-me visitar hoje.
- c. O João não me pode visitar hoje.

- (19) a. *Este livro tem agradado-me.
- b. Este livro tem-me agradado.
- c. Este livro não me tem agradado.

(REIS, 2011, p. 1)

Conforme discutido por Reis (2011), o clítico é objeto do verbo no infinitivo visitar, e não do verbo poder. Em (18a), o clítico está ligado, portanto, ao verbo que lhe atribuiu papel temático. No entanto, em (18b, c), o clítico aparece ligado ao verbo poder, que não apresenta relação temática direta com **me**. Em (18), o clítico pode se ligar a ambos os verbos. Já em (19), o clítico **me**, que é objeto de agradar, só pode aparecer ligado ao verbo ter, assim como poder do exemplo (18), por conta da obrigatoriedade da subida no particípio. O mesmo acontece com outras línguas românicas como o espanhol e o italiano, com o comportamento clítico muito próximo ao do PE. Já o francês, assim como o PB, perdeu a subida com os auxiliares seguidos

de infinitivo, mas o mantém nas demais construções auxiliares, como no caso do *passé composé*, em que o clítico se hospeda no verbo auxiliar e não no verbo que está no particípio.

(20) a. Nous voulons te voir. Nós queremos te ver.

b. *Nous te voulons voir. Nós te queremos ver.

(URIAGEREKA, 1995, p.106, apud REIS, 2011, p. 61)

(21) a. Ils m'avaient certainement vu au Calçada. Eles me tinham certamente visto no Calçada.

b. * Ils avaient certainement me vu au Calçada. Eles tinham certamente me visto no Calçada.

(DUARTE; MATOS; GONÇALVES, 2005, p. 134 , apud REIS, 2011, p. 74)

Considerações finais

No presente artigo, discutimos sobre a possibilidade de subida de clítico no PB, a partir de sentenças passivas. Seguindo a hipótese de Reis (2011), é a estrutura sintática das passivas que propicia a subida de clítico, diferentemente das estruturas de construções com verbos auxiliares fora do contexto de passiva, que se configuram em não-subida no PB. A autora considera que a variação subida/não-subida de clítico é gerada por uma competição de gramáticas, o que indica que “o particípio da passiva teria diferentes estruturas em cada gramática”. Partimos, então, do pressuposto que a acreditada exclusividade da sentença passiva pode estar relacionada com a presença do particípio, que seria um particípio próprio da passiva, uma vez que o particípio, na condição de forma infinita do verbo, que pode reunir traços tanto verbais quanto nominais (as suas características adjetivais), não apenas marca a passiva, mas também compõe a construção do tempo composto.

Referências

ABAURRE, M. B.; GALVES, C. M. C. **Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica.** In: CASTILHO, A. T. de; BASÍLIO, M. Gramática do português falado, vol IV - Estudos descritivos. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 267-312.

ANDRADE, Aroldo Leal de. **A subida de clíticos em português: Um estudo sobre a variedade europeia dos séculos XVI a XX.** Tese de Doutorado. Campinas, SP [s.n.]: 2010. Disponível em: http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/pesquisa/monografias/ANDRADE_A-Dr.pdf. Acesso em 30/09/2015, às 20h38m.

AUGUSTO, Marina R. A. CORRÊA, Leticia M. Sicuro. DEL, **movimento sintático e o caso das passivas:** Considerações a partir de um modelo formal. Disponível em ----- VEREDAS ONLINE – ESPECIAL – 2012, P. 237251 – PPG LINGUÍSTICA/UFJF – JUIZ DE FORA-MG.

CÂMARA JR, Joaquim. **Estrutura da Língua Portuguesa.** 18ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1970.

CYRINO, Sônia. **Mudança sintática no português brasileiro: a perda de predicados complexos.** In: LOBO, Tânia [et al.] / Organizadoras. ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias. Salvador: EDUFBA, 2012. pp.138 -159.

GALVES, C.; NAMIUTI, C.; PAIXÃO DE SOUSA, M.C. (2006). **Novas perspectivas para antigas questões:** A periodização do português revisitada. In ENDRUSCHAT, A.; KEMMLER, R.; SCHÄFER-PRIEB, B. (Orgs) Grammatische Strukturen des europäischen Portugiesisch: Synchrone und diachrone Untersuchungen zu Tempora, Pronomina, Präpositionen und mehr. Tübingen: Calepinus Verlag, 2006.

GONÇALVES, A. **Aspectos da Sintaxe dos Verbos Auxiliares do Português Europeu.** In: COLAÇO, M. et al. Quatro Estudos em Sintaxe do Português. Lisboa: Edições Colibri, 1996. p. 7-50.

KENEDY, E. Gerativismo. In: Mário Eduardo Toscano Martelotta. (Org.). In: **Manual de lingüística.** São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 127-140. Disponível em < www.professores.uff.br/eduardo/artigos.../manualdelinguistica_2008.pdf > Acesso em 07 jun.2014.

KANTHACK, G. S. **Clíticos no Português Brasileiro.** Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

MIOTO, Carlos. **Novo manual de sintaxe/**Carlos Miotto, Maria Cristina Figueiredo Silva, Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes. Florianópolis: Insular, 3ª ed. 2007. Disponível em < https://www.passeidireto.com/.../novo-manual-desintaxe_carlos-miotto>. Acesso em 10 jun.2014.

REIS, Fernanda Elena de Barros. **A perda da subida de clítico no português brasileiro: séculos XIX e XX.** Dissertação de mestrado. Campinas, SP: 2011.

SILVEIRA, Gessilene. **O comportamento sintático dos clíticos no Português Brasileiro.** Dissertação de Mestrado. Florianópolis, SC, 1997.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

CRUZ, Raiana Cristina Dias da; NAMIUTE, Cristiane. A Subida de Clítico no Português Brasileiro: O caso das passivas. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, 2019, vol.13, n.44, p. 393-403. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 24/01/2019

Aceito 05/02/2019